

UMA ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL DO TEXTO PARA O ENSINO- APRENDIZAGEM DE INGLÊS NO ENSINO MÉDIO

Jhuliane Evelyn da Silva (Graduanda/ GPELL/UERN)

Rita de Kássia de Aquino Gomes (Graduada/ PIBIC/ GPELL/ UERN)

José Roberto Alves Barbosa (Professor Doutor/ GPELL/UERN)

RESUMO: A língua Inglesa assumiu o status de língua internacional (PENNYCOOK, 1994) em função de sua ampla difusão no mundo (CRYSTAL, 1997), e como consequência, um enfoque comunicativo do texto está sendo exigido. Em consonância com a proposta dos PCNs - Língua Estrangeira, os autores de livros didáticos inserem textos a fim de serem trabalhados em sala de aula. Porém, ao contrário do que orienta tais parâmetros, o enfoque que vem sendo dado é predominantemente estrutural, com ênfase na gramática normativa. E é nesse contexto que Halliday & Matthiessen (2004) vêm propor uma teoria linguística concebida a partir de uma abordagem descritiva, baseada tanto na forma quanto no uso linguístico e que pretende analisar o sistema da língua e suas funções. Objetivando apresentar uma alternativa produtiva para a abordagem do texto na sala de aula de inglês no Ensino Médio, coletamos textos em um livro didático adotado nas escolas de uma cidade do Rio Grande do Norte, e, em seguida, os analisamos, a partir dos pressupostos teóricos da Gramática Sistêmico-Funcional. Assim, observamos que, além de considerar os aspectos gramaticais ao analisar os processos e seus participantes, o modo oracional e o tema, a LSF também contemplou o uso, desvendando os significados em relação às estruturas do texto. Argumentamos que, a partir dessa teoria, os alunos poderão ter contato com um direcionamento pragmático que considere tanto aspectos estruturais quanto sociais da língua inglesa.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Sistêmico-Funcional. Texto. Língua Inglesa.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo apresentaremos uma proposta produtiva para o inglês no contexto do Ensino Médio. As pesquisas têm demonstrado uma ampla difusão desse idioma no mundo, sendo reconhecida, nesses últimos anos, como Língua Internacional (PENNYCOOK, 1994), Global (CRYSTAL, 1997), e/ou franca (CANAGARAJAH, 2005). Além desse enfoque internacional no ensino-aprendizagem da língua, como resultado do movimento comunicativista (HYMES, 1972), há uma propensão para o uso do texto, e menos para um enfoque meramente estrutural.

Como resultado dessas rupturas, os autores de materiais didáticos, em consonância com a proposta dos PCNs – Língua Estrangeira inserem textos para que esses sejam trabalhados em sala de aula. A presença de tais textos, no entanto, não garante um enfoque produtivo no ensino-aprendizagem da língua, isso porque, prevalece, em virtude da tradição estruturalista, a ênfase meramente gramatical, e mais especificamente, com base na gramática

normativa. Diante desse contexto, analisaremos, neste artigo, um texto de um material didático, entre vários coletados, com base nos pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday & Matthiessen (2004).

2 A GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

A Linguística Sistêmico-Funcional diz respeito a uma teoria geral do funcionamento da linguagem humana, concebida a partir de uma abordagem descritiva, baseada tanto na forma quanto no uso linguístico. M. A. K. Halliday, em artigo publicado em 1970, desenvolveu juntamente com colegas da Universidade de Sydney e de Macquarie, na Austrália, uma discussão a respeito da natureza da língua. Para essa linguística, a língua está intimamente relacionada às necessidades que lhe impomos, com funções específicas, e comuns a todas as culturas.

Halliday rejeita as descrições meramente formais, elegendo o uso como marca fundamental para a categorização linguística. Seu paradigma pretende, ao mesmo tempo, analisar tanto o sistema da língua quanto suas funções, a partir do princípio fundamental de que a forma particular assumida pelo sistema gramatical de uma língua está intimamente relacionada com as necessidades sociais e pessoais que a língua é chamada a desempenhar. Desse modo, a língua se organiza em torno de redes relativamente independentes de escolhas, e estas correspondem a funções básicas da linguagem.

Essas funções, de acordo com o modelo de Halliday (1970), são as seguintes: a ideacional, interpessoal e textual. A língua serve para expressarmos conteúdos, para dar conta das nossas experiências no mundo; para estabelecermos e mantermos relações sociais uns com os outros, para desempenharmos papéis sociais comunicativos (falantes/ouvintes); e por fim, para estabelecermos relações entre partes de uma mesma instância de uso da fala, entre essas partes a situação particular de uso da língua, tornando-as entre outras possibilidades, situacionalmente relevantes.

A esse respeito, vejamos do que trata cada uma das metafunções: 1) ideacional – a linguagem tem metafunção representacional, a usamos para codificar nossas experiências do mundo; facultam-nos imagens da realidade (física ou mental); 2) interpessoal – a linguagem serve para codificar interação e mostrarmos quão defensáveis achamos as nossas posições, os nossos enunciados. Ajuda-nos a codificar significados de atitudes, interação e relações sociais; e 3) textual – a linguagem serve para organizar os nossos significados ideacionais e interpessoais num todo linear e coerente.

Para Halliday e Matthiessen (2004), a funcionalidade é intrínseca à linguagem. Eles explicam que “toda a arquitetura da linguagem se organiza em linhas funcionais. A linguagem é como é por causa das funções em que se desenvolveu na espécie humana” (p. 31). O termo 'metafunção' foi adotado para sugerir que função é um componente nuclear na totalidade da teoria. Por meio das metafunções é possível verificar descritivamente como as línguas naturais se estruturam, se organizam fundamentadas nesses princípios funcionais. O componente lingüístico tem, simultaneamente, valor ideacional, interpessoal e textual, haja vista que “todo o texto – isto é, tudo o que é dito ou escrito – acontece em algum contexto de uso” (HALLIDAY, 1994, p. 13).

O texto, falado ou escrito, nesse paradigma, é a unidade de comunicação do evento discursivo. Halliday (1978, p. 122) explica que

O texto é uma forma linguística de interação social. É uma progressão contínua de significados [...] Os significados são as seleções feitas pelo falante das opções que constituem o potencial de significado; o texto é a atualização desse potencial de significado, o processo de escolha semântica.

O texto, nessa conjuntura, é uma instanciação do sistema, de modo que sistema e língua não são fenômenos separados, mas apenas o mesmo fenômeno visto de ângulos distintos, o da potencialidade e o da instanciação. Conforme explica Halliday e Matthiessen (2004), o texto é um instrumento para o conhecimento do sistema, uma espécie de janela para o sistema, tornado-se, assim, uma unidade de análise para a Linguística Sistemico-Funcional. A potencialidade textual se dá por meio das escolhas do falante. A esse respeito, Halliday (1978) explica que a análise da língua em uso ocorre através do olhar sobre o que o falante diz em relação ao que poderia ter dito, mas não disse.

Ele fala de um “envolvimento a ser definido paradigmaticamente: usar a língua para fazer escolhas no envolvimento de outras escolhas” (p. 52). Essas escolhas dependem do contexto, concebido como o ambiente imediato que determinado texto está sendo produzido. Isso explica o motivo de certos textos serem ditos ou escritos em ocasiões particulares, e ao mesmo tempo, a causa de outros não poderem. Isso acontece porque a partir do momento em que o falante lê e ouve, ele faz previsões acerca do que será reproduzido em seguida, influenciado pelo contexto da interação, operacionalizando as metafunções da linguagem: o que é dito (ideacional), de quem para quem (interpessoal), e de que modo (textual).

Halliday e Matthiessen (2004) descrevem os parâmetros para uma descrição dessas metafunções no contexto do enunciado. Para analisar este em uma perspectiva experiencial, esses autores destacam as seguintes categorias: Ator (Actor), Processo (Process) e Meta (Goal). Em relação à perspectiva interpessoal, enfocam o Sujeito (Subject), Finito (Finite), Predicador (Predicator), Complemento (Complement) e Adjunto (Adjunct). No tocante à análise textual, consideram o Tema (Theme) e Rema (Rheme). A fim de apresentar uma visão panorâmica das categorias para análise Sistêmico-Funcional de enunciados, Thompson (2004) apresenta os seguintes exemplos:

Análise a partir de uma perspectiva experiencial (metafunção ideacional)

Did	Jim	take	her calculator?
	Ator	Processo	Meta

Was	the calculator	Taken	by Jim?
	Meta	Processo	Ator

Análise a partir de uma perspectiva interpessoal (metafunção interacional)

Did	Jim	Take	her calculator?
Finito	Sujeito	Predicador	Complemento

Was	the calculator	Taken	by Jim?
Finito	Sujeito	Predicador	Adjunto

Análise a partir de uma perspectiva textual (organizacional)

Did Jim	take her calculator?
---------	----------------------

Tema	Rema
------	------

Was her calculator	taken by Jim?
Tema	Rema

3 O MATERIAL DIDÁTICO E O ENFOQUE TEXTUAL PARA O ENSINO DO INGLÊS

A utilização de material didático, previamente elaborado pelas editoras, acontece, conforme aponta Allwright (1981), devido à deficiência que alguns professores têm tanto para preparar quanto para selecionar seu próprio material didático. Hucthinson & Torres (1994) argumentam que a principal razão não é a deficiência, mas a conveniência. Para esses autores, o material didático possibilita uma considerável “conveniência, provendo uma estruturação que o sistema de ensino/aprendizagem requer” (p. 317). Crawford (2002, p. 83) também assume que a utilização de um material didático fornecido por uma determinada editora não somente provê uma estruturação, mas também indica

[...] uma previsibilidade que é necessária a fim de que o evento social se torne tolerável aos participantes, além de servir de mapa ou plano para o que se pretende e o que se espera, permitindo, assim, que os participantes vejam onde uma lição se encaixa dentro de um contexto mais amplo do programa linguístico.

A comodidade provida por essa previsibilidade do material didático auxilia significativamente a condução das aulas pelos professores. Contudo, em consonância com a falta de formação crítica, o material didático pode acabar ditando as regras, ou melhor, a abordagem de como a língua deva ser ensinada. Por essa razão, não se pode descartar a análise do material didático, haja vista o papel que esse exerce na condução das aulas dos professores de línguas. Ademais, o enfoque textual adotado para a análise textual ainda permanece restrito à gramática normativa. As editoras têm demonstrado preocupação em responder às diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs em relação ao ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira. Para tanto, inserem temas transversais na coleta dos textos, mas esses servem apenas de pretexto para o ensino da gramática tradicional.

4 ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL DE UM TEXTO DIDÁTICO

4.1 Abordagem da Pesquisa

Uma maneira de demonstrar aos alunos que existem outros modelos de gramática que podem ser usados na análise textual é adotar abordagens distintas daquelas comumente apresentadas nos livros didáticos. Propomos, neste trabalho, um enfoque mais produtivo para que os alunos de inglês possam ter contato com um direcionamento pragmático e que considere os aspectos estruturais e sociais da língua inglesa. Para tanto, adotaremos, para a análise de textos de materiais didáticos, a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2004). Entre as diferentes categorias desse modelo, destacaremos as metafunções ideacional (experencial), interpessoal (interacional) e textual (composicional).

4.2 Procedimentos da Análise

A partir do contato com professores de escolas particulares de uma cidade do Rio Grande do Norte, conseguimos coletar textos de materiais didáticos utilizados em cinco escolas particulares do Ensino Médio. Como critério para escolha, identificamos as escolas dessa cidade que são comumente citadas, e que apresentam o maior número de alunos. Em seguida, destacamos alguns textos, principalmente aqueles cuja abordagem predominante era a identificação de elementos da gramática normativa em seus exercícios.

Posteriormente, passamos a análise desses textos com base na Linguística-Sistêmico Funcional. Essa pesquisa tem uma perspectiva qualitativa, considerando que, não pretendemos, com este estudo, fazer quantificações e generalizações, mas apontar propostas para um direcionamento produtivo no ensino da língua inglesa. Em virtude da limitação de espaço deste gênero textual, mostraremos, neste artigo, a análise de um texto. O nome das escolas, bem como dos autores do material didático, e dos próprios livros didáticos serão omitidos ao longo deste artigo por razões éticas.

4.3 Análise textual com base na LSF

Tendo em vista uma análise que contemple todas as metafunções, se faz necessário que sigamos certas coordenadas propostas pelos estudiosos desta teoria a fim de analisarmos o

sistema linguístico, refletido aqui nos níveis semântico e lexicogramatical, sendo o nível semântico constituído pelos significados linguísticos ‘ideacionais’, ‘interpessoais’ e ‘textuais’ e o nível léxico-gramatical, constituídos pelos significados realizados nos subsistemas ‘Transitividade’, ‘Modo’, ‘Tema-Rema’.

Thompson (2004, p. 127) sugere que, ao se trabalhar com a transitividade, deve-se tentar responder a essas perguntas: Quais são os tipos de processos dominantes (e por que)? Como esses tipos fazem associação com os outros aspectos? Que tipos de participantes existem? Como estes se comparam com as entidades e os eventos do ‘mundo real’? Quais são os tipos de participantes existentes (concretos vs abstratos)? Que papel eles atuam na transitividade? Que tipos de circunstâncias são incluídas? Em que lugar no texto? O que é expresso como circunstância ao invés de fazer parte do núcleo (processo + participante)?

Ao se trabalhar com a interação, as perguntas gerariam em torno de: Qual o objetivo do texto? Que público-leitor o autor do texto espera encontrar? Quais são as características do texto que o fazem mais formal ou informal? Porque o autor escreveu de uma forma e não de outra? O que sinaliza a modalidade no texto? Qual sua função? Quais são os termos que expressam valoração? Como o autor faz com que o leitor se comprometa com essa valoração a ponto de assumir sua validade?

E em se tratando de uma análise textual deve-se prestar atenção aos temas: Em sua maioria são marcados ou não? Qual o efeito que isso causa no texto? Como acontece a progressão do texto? Que elementos mantêm a coesão e a coerência textual? Há a presença de elementos interpessoais, experienciais e textuais no Tema?

Desta forma, a interpretação que se segue será baseada na análise do texto em estudo em termos dos pontos supracitados. Para melhor compreensão, as análises das funções interpessoal, ideacional e textual serão mostradas ao longo do artigo a fim de enfatizar a multifuncionalidade da oração e revelar como o contexto influencia na construção do significado do texto, compreendendo este último como linguagem em uso.

O texto abaixo, encontrado nas páginas de um livro didático do 3º ano do Ensino Médio, foi retirado de uma reportagem presente na Revista Reader’s Digest, como pode observado ao final do mesmo. Ele trata do aumento exacerbado e não-planejado da população dos Estados Unidos e que efeito isto vem produzindo na vida daquelas pessoas. Seu autor, porém, imprime seu ponto de vista por meio de tantos elementos que serão aqui citados e que visa incutir na mente de seus leitores o mesmo sentimento do qual ele partilha: de insatisfação e revolta simultaneamente.

ONLY IN America

IDEAS, TRENDS, AND INTERESTING BITS FROM ALL OVER

Getting Mighty Crowded in Here

Does it feel like it's harder than ever to maintain your personal space? Maybe it is. Sometime this October, the Census Bureau predicts, the U.S. population will top 300 million. That's nearly double the number of people who called this country home just 50 years ago. No wonder there's less elbowroom. The United States, it seems, is going through an adolescent growth spurt. The nation added 32.7 million people during the 1990s – the

highest one-decade increase in the nation's history. The surge isn't slowing down: Experts see the population approaching 400 million by 2040.

Meanwhile we've got only so much space. We can't just expand to handle the growth. So we'll have to accept more bumping up against one another – and learn to do it with minimal bruising. "The more people we have in a limited territory," says Joel Cohen, demographer and author of *How Many People Can the Earth Support?* "the more we'll have to make trade-offs." Here's one to consider: Let's preserve our wide-open spaces. They come in handy when we can flee the crowds.

Reader's Digest, July 2006.



MCALISTER/BURKEV/THE IMAGE BANK/GETTY IMAGES

rd.com Learn more from the Nature Conservancy. Visit rd.com/green.

Consideremos primeiramente os aspectos experienciais do material: haja vista o enfoque atribuído a transitividade, nesta análise observamos a presença de processos diversificados, com a maior frequência de processos materiais e relacionais, seguidos pelos mentais e verbais. Os primeiros exprimem ações realizadas pela 'nação', pelos habitantes daquele país, incluindo o produtor do texto ("The nation *added* 32.7 million people during the 1990s [...]") e "We *can't* just *expand* to handle the growth", por exemplo). Seguindo a ordem exposta vemos em orações como "The surge *isn't* slowing down" e "Meanwhile we've got only so much space" processos relacionais atributivos intensivos e possessivos respectivamente. Verbos como os encontrados nas orações "Experts *see* the population

approaching 400 million by 2040”, “So we’ll have to accept more bumping up against one another [...] ou ainda “Does it feel like it’s harder than ever to maintain your personal space?” apresentam os processos mentais, sejam eles cognitivos ou perceptivos. Por fim, representando processos verbais tomamos “[...] the Census Bureau *predicts* the U.S. population will top 300 million”. Um único exemplo de processo existencial foi encontrado (“No wonder *there’s* less elbowroom”). Assim, vemos por meio destes processos, principalmente materiais, a importância atribuída aos atos daquele país e das pessoas que nele vivem, ou irão viver na promoção de seu bem estar. Os processos relacionais foram, por sua vez, utilizados aqui para expressar o estado dos acontecimentos, ao mesmo tempo em que os mentais exprimiram a opinião, o pensar do autor, que, colocando-se como parte do todo, revelou a insatisfação e as inquietações que a população comunga.

Os participantes, ou seja, quem executa a ação, ou experiência, sente o que está sendo predicado por meio do processo, são concretos considerando que quase todos os espaços destinados a essa função foram preenchidos pelo pronome pessoal nós (‘we’, em inglês), pelo substantivo ‘the United States’ ou pela ‘the U.S. population’, ou seja, a todo momento o autor fez referência a seu público-alvo: os estado-unidenses. Já as circunstâncias expressam, em sua grande maioria, o tempo no qual aqueles eventos ocorreram (‘Sometime this October’, ‘just 50 years ago’, ‘during the 1990s’, ‘by 2040’). Isso porque o texto vem retratar, com base em pesquisas e estimativas, o aumento populacional do já referido país.

Vistos alguns aspectos experienciais, iniciaremos nossa discussão sob um foco interpessoal. Desta forma, sendo o modo oracional (Mood), constituído pelo Sujeito (Subject) e pelo Finito (Finite) funcionando para mostrar as escolhas do modo verbal através de sua presença e ordenação, inferimos que o texto é composto por orações declarativas, uma vez que se trata de um texto construído a partir de dados para a exposição de um fato, a fim de atribuir-lhe maior veracidade, e portanto, ganhar a adesão de seus leitores. Uma oração apenas reclama a forma imperativa, ofertando não informações, mas sim demandando ações de quem o está lendo: “Let’s preserve our wide-open spaces”. Aqui, apesar de ordenar uma ação, o próprio autor se inclui num gesto de pedido que deverá ser realizado numa tentativa de fugir das multidões vindouras.

Esse texto tem por objetivo expor o fato de que o espaço livre dos Estados Unidos está sendo superocupado por uma nova população (talvez também de imigrantes) e que isso está causando a diminuição dos espaços abertos dos já moradores, fato que os incomoda, segundo o autor. Este, visando à adesão das idéias mostradas no texto, se utiliza de fatos expressos por dados quantitativos a fim de persuadir seu público-alvo, tanto a população daquele país,

leitores da referida revista, quanto os estudantes (usuários do livro) do ensino médio no qual a reportagem foi publicada, a comungar da mesma opinião. Para tanto, uma linguagem mais informal foi utilizada; o que se faz possível observar por meio do uso da imagem, de linguagem de fácil compreensão, de termos idiomáticos como ‘come in handy’, ou ainda de termos que expressam certa dúvida como ‘it seems’, ‘nearly’, além de comentários (‘No wonder’). O pronome pessoal ‘we’ (nós em português), em várias partes do texto, permite a identificação do leitor com o que está sendo expresso ao mesmo tempo em que conecta o tempo do autor com o de seu leitor, como numa conversa, e revela o posicionamento do mesmo em relação ao que está sendo discutido. Ali, ele é a voz da nação. Em outras palavras, enquanto que num primeiro momento observamos um texto de teor impessoal, inundado por Sujeitos como ‘the Census Bureau’, ‘The U. S. population’, ‘Experts’, num segundo, o que observamos é uma avalanche de opiniões e previsões analisadas por meio do pronome supracitado. Predominantemente não-marcados, apenas dois Sujeitos marcados ‘to maintain your personal space’ e ‘the number of people who called the country home’ realizados pelos pronomes ‘it’ e ‘that’ foram encontrados.

O Finito (finite) expressa não somente o tempo verbal, como também polaridade e modalidade. Ou seja, ele expressa se uma oração é positiva ou negativa no que tange à sua polaridade, parte básica do significado, ou se esta se encontra no espaço entre esta positividade e negatividade absoluta, geralmente expressa pelos Adjuntos Modais, operadores modais e operadores verbais modais (Mood Adjuncts, modal operators, e modal verbal operators) a fim de demonstrar a opinião presente do falante (THOMPSON, 2004). Portanto, em se tratando de polaridade, as orações são essencialmente positivas, uma vez que apenas em “The surge isn’t slowing down” vemos a presença da negação, o que confirma a opinião do autor sendo exposta e reafirmada repetidamente. Quanto à modalidade, esta foi expressa pelos adjuntos modais ‘maybe’ e ‘nearly’, que expressam o grau de certeza e de probabilidade da proposição e pelos verbos modais ‘will’, ‘can’t’ e ‘can’, onde todos expressam possibilidades para o futuro, se a população terá espaço suficiente ou não, o que terão que fazer para lidar com essa situação, se terão que aceitar e saber conduzir o problema, etc.

Por fim, em termos da metafunção textual podemos destacar que a manutenção do assunto sendo discutido foi dada por meio dos Temas, que em sua maioria são não-marcados, isto é, Sujeito expresso por um grupo nominal ou uma oração. Entretanto podemos verificar a presença de temas marcados expressos por adjuntos (‘Sometime this October’, ‘Meanwhile we’), conjunções (‘So we’), orações encaixadas (‘That’s nearly double the number of people who called this country home[...]’) e Comentário tematizado refletido pela presença de um

comentário, como o nome já faz referência, na posição de Tema (“Does it feel like it’s harder than ever to maintain your personal space?”), além de existenciais (There is).

Os sinais coesivos são vistos ao longo do texto. Elipses como “we’ll have to accept [...] and (we’ll have to) learn, “it is (harder than ever to maintain your personal space)”, mostram a cooperação existente entre o autor e o leitor, já que aquele acredita que seu leitor poderá entendê-lo, sem que haja a necessidade de repetir a mesma informação. O uso de referências é mostrado a partir dos pronomes pessoais, principalmente (referência pronominal), os quais refletem a permanência do mesmo assunto bem como a confiança que o autor deposita no leitor de se permitir falar implicitamente sobre o tópico em questão. Outras formas linguísticas utilizadas ocorrem por meio de comparações (‘it’s harder than ever’, ‘there’s less elbowrooms’, ‘the highest one-decade increase in the nation’s history’, ‘we’ll have to accept more bumping up’), demonstrativos (‘that’s nearly double the number of people [...]’ e conjunções ‘So we’ (resultado), ‘[...] when we can flee the crowds’ (tempo). Ainda assim, repetições de construções lexicais aparecem como forma de enfatizar ou retomar o assunto anteriormente exposto (The more people/ The more we).

Assim, a coerência textual é dada pela manutenção do tema, onde todo o assunto gira em torno da nação estadunidense e de pesquisas e estudiosos requeridos para a construção do mesmo; e a coesão, por sua vez, por tudo que foi acima citado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de o inglês ser considerado língua internacional e terem ocorrido mudanças nos PCNs de Língua Estrangeira, o material de ensino continua priorizando as regras normativas da Gramática Tradicional, que privilegia e reduz a língua a um modelo estrutural, desvinculado do contexto social. Os aprendizes do inglês, em virtude dessa supervalorização desse padrão, acabam por desconhecer outras propostas de análise linguística.

Neste artigo, portanto, apresentamos como alternativa produtiva para a abordagem do texto na sala de aula de inglês no Ensino Médio a gramática proposta pela Linguística Sistêmico-Funcional. Com essa finalidade, escolhemos um texto em um livro didático adotado nas escolas de uma cidade do Rio Grande do Norte, e, em seguida, o analisamos a partir dos pressupostos teóricos daquela teoria. A vantagem desse modelo, conforme apontamos ao longo deste, é focar a língua em suas múltiplas dimensões, ou mais precisamente, metafunções: ideacional, interpessoal e textual.

REFERÊNCIAS

ALLWRIGHT, R. L. What do we want teaching materials for? **ELT Journal**, 36 (1), 1981.

CANAGARAJAH, A. S. Resisting linguistic imperialism in English teaching. In: Towards the knowledge society: making EFL education relevant. **30th FAAPI Conference**, British Council, Argentina, 2005, p. 22-23.

CRAWFORD, J. The role of materials in language classroom: finding the balance. In: RICHARDS, J. C., RENANDYA, W. A. (eds.) **Methodology in language teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

CRYSTAL, D. **English as a global language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. 2nd edition. London: Arnold.

HALLIDAY, M. A. K. An interpretation of the functional relationship between language and social structure, from Uta Quastoff (ed.) *Sprachstruktur – Sozialstruktur: Zure Linguistischen Theorienbildung*, 1978, p. 3–42.

HALLIDAY, M. A. K. Functional Diversity in language as seen from a consideration of modality and mood in English. **Foundations of Language: Internaional Journal of Language and Philosophy**, 6, 1970, p322-61.

HALLIDAY, M. A. K., and C. M. I. M. Matthiessen. **An Introduction to Functional Grammar**. 3d ed. London: Arnold, 2004.

HUTCHINGSON, T., TORRES, E. The textbook as agent of change. **ELT Journal**, 48(4), 1994.

HYMES, D. On Communicative Competence. In J. Pride and J. Holmes, (eds) **Sociolinguistics**. Harmondsworth: Penguin, 1972, p 269-93.

PENNYCOOK, A. **The cultural politics of English as an international language**. London: Longman, 1994.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**: 2 ed. London: Hodder Education, 2004.